

DE AFFECTIBUS – SOBRE OS AFETOS (1679)

ONDE [SE TRATA] DA POTÊNCIA, DA AÇÃO, DA DETERMINAÇÃO

20 a 22 de abril de 1679

G. W. Leibniz (1646-1716)

Trad. Húdon Canuto¹⁸¹

Tradição:

L Conceito: LH IV 7B, 5 Bl. 1-10. Bog. 2.º 27 Sp.

*E*¹ I. Jagodinsky, *Neizdannye zametki Lejbnica o duše*, Kazan 1917.

*E*² Grua, *Textes*, 1948, S. 512-537.

Leibniz desistiu de publicar este rascunho sobre *Filosofia da mente* após repetidas tentativas. As letras (A a J) que adicionamos e as anotações menores pretendem ilustrar este processo. Nas duas primeiras novas abordagens, B e C, Leibniz persegue os afetos individuais e adere, no início esporadicamente, depois cada vez mais ao *De passionibus animae* de Descartes¹⁸². (As referências a Descartes, que ocasionalmente foram reduzidas à adoção de um termo, são apresentadas assim [...] {entre colchetes}, como Grua já fizera em sua edição.) Nas seis outras sequências de definições D a I, que foram escritas em 20 de abril de 1679 sempre começando com afeto, Leibniz logo abandonou a consideração detalhada psicologizante dos afetos em favor de um tratamento metafísico que assumia cada vez mais um caráter demonstrativo. Tal tentativa culmina em uma abordagem final J, escrita na quinta folha em 22 de abril de 1679, na qual Leibniz formula e prova duas proposições.

Leibniz revisou tal conceito consideravelmente. As definições e observações escritas na margem são reproduzidas com recuo justificado nos locais apropriados, a menos que seja evidente que devem complementar o texto principal. As exceções são os comentários tratados

¹⁸¹ Húdon Canuto é professor no Instituto Federal de Alagoas e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Linguagem da Universidade Federal de Sergipe (GEFILUFS).

¹⁸² R. Descartes, *Les passions de l'âme*, Paris e Amsterdam 1649.

como notas de rodapé, bem como a abordagem F, que Leibniz escreveu ao lado da abordagem E, provavelmente somente após a abordagem G.

As observações críticas de Leibniz sobre Descartes nas abordagens B e C aparecem assim (+ ... +) {entre parênteses com um sinal de adição no início e no fim da crítica}, seus “auto comentários”, as explicações de suas próprias definições, por outro lado assim (: ... :) {entre parênteses com dois pontos no início e no fim}. Em ambos os casos, usamos a própria notação de Leibniz, que ocasionalmente acrescentamos de acordo com sua intenção.¹⁸³

[A]

A mente, de que a consciência é {uma parte} importante, é aquilo que em si mesmo é uma ação, tal como está em mim.

Pensamento é o estado da mente que é a causa próxima da consciência.

Ação é um certo estado que é a causa próxima da mutação.

Paixão é um certo estado que é o efeito próximo da mutação.

Mutação é uma conjunção a partir de dois estados contraditórios.

Força ou Potência é o estado do qual decorrerá uma ação a não ser que haja alguma outra coisa da qual, pela mesma razão, devesse surgir {outra ação}.

Conceito ou imaginação é o pensamento do qual nenhuma ação acontece externamente.

Opinião é o pensamento do qual decorre o esforço de agir externamente.

Vontade é o esforço de agir externamente, nascido do pensamento.

Vontade é uma ação da mente. Ação é a causa da mutação.

Intelecção é uma paixão da mente. Paixão é onde se opera a mutação.

Imaginação é a intelecção simples.

Opinião é a intelecção da qual decorre a vontade
a intelecção simples é ou Imaginação ou conceito.

Opinião é a conjunção da intelecção simples e da intelecção de sua {própria} causa. Onde, sem dúvida, decorre, reciprocamente, uma reação da Mente a respeito daquela causa, cuja reação é a Vontade, pois, {em} tudo o que faça, sofra/padeça.

¹⁸³ Este texto explicativo precedia o texto latino adotado, limitamo-nos a vertê-lo para o português o mais fielmente possível. Todos os acréscimos que julgamos necessários aparecerão entre chaves {}, para podermos distinguir dos acréscimos que já existiam no texto usando ora parênteses (), ora colchetes [].

Não é importante definir {o que seja} o Prazer.

Prazer é a percepção daquilo que favorece uma ação presente.

Dor é o contrário de prazer, ou a percepção daquilo que impede uma ação presente.

Posto que o contrário de favorecer é impedir.

Vontade é o esforço que acompanha a opinião do bem ou do mal presente em quem se esforça.

Bem é o que contribui para o prazer.

Mal é o que contribui para a dor.

Esforço é o início da ação.

Ação é o estado da coisa/realidade pelo qual se pode dar a razão de alguma mutação presente, cuja coisa/realidade se chama Causa.

Paixão é o estado da coisa/realidade, pois que nela surge a mudança/mutação presente, cuja coisa/realidade se chama sujeito da mutação ou objeto da causa.

[B]

Afeto é uma ocupação da alma, nascida de uma sentença da alma acerca do bem e do mal.

Ocupação da alma é uma inclinação a pensar em alguma coisa em detrimento de outra.

Inclinação é a facilidade para agir.

Facilidade é {aquilo} de que muito poucas coisas necessárias são semelhantes e iguais a outras tantas necessárias de uma outra.

Necessário é {aquilo} sem o qual alguma coisa não pode existir.

Conceber {é quando} dizemos que temos uma opinião semelhante ao nosso pensamento.

Perceber/assumir o que, por um lado, é semelhante a nosso pensamento presente, {conforme} pensamos, e por outro lado, é {perceber/assumir} a sua causa próxima {isto é, a sua causa certa}.

Lembrar é ter certeza de que se percebeu.

Esperar é acreditar que será percebido.

Conhecimento é a opinião verdadeira.

Opinião {*sententiae*} verdadeira é a que se pode dividir em opiniões {pelas} quais provamos [aquilo em que] acreditamos; e que é impossível dividirem-se em outras {opiniões}.

(+ Tais opiniões são aquelas em que está o princípio de contradição {e} de razão; aquelas em que estão os fatos, estas percepções das que estão internamente conscientes. +)

Fome, sede, dor ou paixões {poderiam ser consideradas como opiniões verdadeiras}? Não {me} parece, pois não nascem de alguma razão.

Se a imagem, que percebemos, tiver uma grande parte de semelhança com as coisas, que experimentamos anteriormente {como} danosas, surge na alma o medo. Ademais, se somos habituados a defender-nos contra essa tal coisa, surge a audácia {audacia}; então, se, ao contrário, estamos habituados a fugir {dessa tal coisa}, surge o pavor [art. 36]. (+ Mas o que fizemos no início? O princípio a respeito das ações unidas de uma vez por todas, {será o de} mais tarde novamente serem reunidas. +)

Consideração é a ocupação da alma {com a qual} nos ocupamos a partir da singularidade do objeto com a mesma novidade a ser considerada [art. 70].

Estima é a consideração daquilo mesmo que faz que a coisa seja digna de consideração [art. 54].

Negligência é a consideração daquilo mesmo que faz que a coisa, por outra parte, não seja digna de consideração; de igual modo, deixamos de lado qualquer consideração sobre ela.

Consideração parece ser qualquer pensamento mais atento quando se procura, no futuro¹⁸⁴, se {possa} existir o ato de pensar. Ou ainda a consideração é uma atenção da alma ao ato de contemplação; ou é uma atenção da alma {tendendo} ao ato da pesquisa ou do julgamento. A ira, o medo etc., estorvam a alma, mas não são considerações.

Contemplar é buscar a verdade.

Honra é a estima da pessoa. Desprezo é a negligência da pessoa. Magnanimidade ou soberba é a honra de si mesmo. Humildade ou abjeção é o desprezo de si mesmo [art. 54].

(Respeito, culto, veneração e)¹⁸⁵ devoção [art. 83] parecem existir na alma tal como a honra e o culto {existem} nos sinais.

Afetos parecem ser grandes opiniões. Fome e sede não são opiniões ou sentenças da alma apoiadas em coisas racionais, mas são {só} sentimentos. Por isso não parecem pertencer ao {campo do} afeto.

[C]

¹⁸⁴ No texto adotado, estava escrito *imposterum*, deveria ser *in posterum*. [N. do T.]

¹⁸⁵ No texto original adotado, a palavra *respect* estava entre parênteses. [N. do T.]

Afeto é uma ocupação da alma por uma sentença a respeito de nosso bem ou mal.

Sentença é ou uma opinião ou uma percepção: opinião pela razão, percepção pelo sentido.

Do mesmo modo, uma sentença é verdadeira ou falsa, certa ou verossimilhante. Nenhuma {sentença} é dúbia, pois absolutamente não há sentença para aquele que duvida.

Se acreditamos que aquilo que seja o bem, seja a contemplação, o próprio afeto poder-se-á chamar Cuidado, (+ apesar de que essa palavra [curiosidade]¹⁸⁶ [art. 88] se costume tomar por hábito, com o qual se leva mais ao ato de contemplar do que {qualquer} outro {ato} , ou possui cuidado por muitas coisas do que {qualquer} outro, de modo que talvez seja melhor {usar a palavra} cuidado. +)

Quando aquilo que acreditamos ser mau ou inútil é uma contemplação, o afeto será o Descuido.

Admiração é o cuidado por uma coisa por causa de {sua} singularidade [art. 53].

Tédio é o descuido por uma coisa por causa de sua banalidade [art. 208].

Singular é o atributo de algo que compete a {somente} umas poucas coisas.

Curioso é aquele cujo costume é ocupar-se de muitas coisas {mais} do que estão habituados os demais.

Incurioso é aquele cujo costume é ocupar-se de poucas coisas {menos} do que estão habituados os demais.

Diligência é a curiosidade em ação. (Livro de Massênio *Sobre a curiosidade útil*.)¹⁸⁷

(: Propriamente diligência não é curiosidade; mas está para a ação proposta como a curiosidade está para a contemplação. :)

Beleza/belo é aquilo cujo pensamento é agradável.

Amar é deleitar-se com a percepção de qualquer coisa. Consequentemente não amamos tudo aquilo que seja belo. Pois o belo recai nas coisas que, sem dúvida, consideramos só como possíveis; amor é próprio somente daquelas coisas que acreditamos que existam. Por isso, alguém pode imaginar no espírito uma construção bonita, mas, nem por isso, se diz que alguém ame o que imaginou, ainda que não exista em algum lugar.

¹⁸⁶ No texto original adotado, a palavra *curiosidade* estava entre colchetes. [N. do T.]

¹⁸⁷ J. MASEN, *Utilis curiositas de humanae vitae felicitate*, Köln, 1672.

Daqui, segue-se que, se amamos o homem, percebendo o prazer dele através da felicidade, pois será mais feliz do que aquele que pode perceber mais.

Se alguém, no entanto, {quiser} alargar tanto o amor quanto a beleza, não me oporei.

(: Talvez da {seguinte} maneira seja mais preferível: belo é aquilo cuja contemplação é de per si jucunda, quando, naturalmente a razão da jucundidade pode retornar, ou clara e distintamente se percebe, ou quando o entender seja algo jucundo.

Agradável é aquilo que é jucundo conhecer.

É amável {aquilo}, cuja cogitação é jucunda.

Agradáveis são as proposições, amáveis são as coisas.

Diz-se que uma coisa é agradável, quando a existência dela seja {algo} agradável.

Denomino jucundo de per si àquilo que sem nenhuma razão é jucundo, pois contribui para algo {seja} jucundo além dele mesmo. :)

Estima de grandeza {é} estima segundo Descartes.

Estima de pequenez {é} desprezo conforme Descartes.

Magnanimidade ou soberba, Humildade ou abjeção {opróbrio, aviltamento}.

Estima de nossa grandeza (pequenez),

Veneração do desprezo {*despectus*}, da {coisa} alheia [art. 54-55].

Estupor é o excesso de estima [art. 73].

Os admiradores {são aqueles} que só buscam coisas raras, com o propósito de ficarem admirados, ou só por causa do deleite com a novidade [art. 78].

O amor é uma comoção da alma produzida por um movimento dos espíritos, que a incita a unir-se aos objetos pela vontade, que lhe convêm [art. 79]. (+ Assim {o afirma} Descartes, mas desse modo não pode dar-se o amor de Deus. +)

A vontade de unir desse modo não é cupidez {desejo} de se unir, mas concebendo-se como já unido à coisa amada numa unidade total [art. 80].

O amor pode ser distinto segundo a estima a respeito da coisa amada, pois quando {essa coisa amada} se torna menor para nós mesmos, é {ela} uma simples benevolência; quando {se torna} igual, é amizade; quando {se torna} superior {à coisa amada}, é benevolência. E posto que sempre preferimos a maior parte do todo, por isso preferimos como simples benevolência: na devoção não tememos morrer por apego à coisa amada [art. 83].

Complacência é quando amamos uma coisa, pois pelos sentidos externos na forma como {a coisa} bela se exhibe. O contrário {disso} é o horror, ou aversão para com as coisas disformes

[art. 85] (+ de modo melhor se dirá displicência. Sem dúvida, as coisas ou causam agrado ou desgosto +).

Desejo é uma paixão da alma produzida pelos espíritos pelo qual se dispõe a querer no futuro as coisas que para si tem na mente como {sendo} convenientes [art. 86] (+ veja-se com muito cuidado como difere do amor, parece dele diferir enquanto a juncundidade é o que nele amamos por si mesmo, ao passo que desejamos nele só a utilidade +).

Curiosidade {é} o desejo de saber.

Ambição (indiferentemente)¹⁸⁸ é o desejo de honra.

Desejo de vingança [art. 88].

Alegria é a suposição de um grande bem realizado [art. 91].

Tristeza é a suposição de um grande mal realizado [art. 92. 93].

Nota: Alegria acontece, às vezes, mesmo quando não consideramos nenhum bem [ainda que] distintamente. Parece, pois, que consiste naquele sentido de liberdade quando nada nos perturba nem impede, e é liberdade para nós fazer tudo o que quer. Parece então ainda que pelo menos isso certamente a própria saúde e a *euéxia*¹⁸⁹ parecem não ser imaginadas senão como um bem para nós.

Esperança é a suposição de um bem futuro.

Medo é a suposição de um mal futuro [art. 57. 58].

Desejo é a suposição de um bem possível.

Fuga é a suposição de um mal possível [art. 86–89].

A causa pela qual a alegria se segue às cócegas {*ex titillatione*}, donde se deduz, pois, que toda sensação feliz consiste em que os objetos dos sentidos fazem surgir um movimento nos nervos, que pode prejudicá-los, que não teriam forças suficientes para resistir-lhe, quando esta alma demonstra a força do corpo, fica feliz [art. 94].

Como certos desejos ou aversões especiais nascem de certo caso especial que concernem à criança, desse modo os desejos gerais nascem de coisas que costumam suceder a todas as crianças [art. 107. 136].

Prazer {é a sensação} que temos quando afrontamos algo difícil. Assim também é prazer quando superamos uma coisa difícil, por isso a recordação dos males é feliz [art. 95].

¹⁸⁸ Leibniz coloca entre parênteses a expressão *sensu indifferenti*.

¹⁸⁹ Εὐεξία: um bom hábito do corpo, bom estado de saúde, alta saúde, em Platão: geralmente, vigor.

Inatividade {*languor*} é a disposição ao relaxamento e a cessação de qualquer movimento [art. 119].

Riso não é produzido pela alegria, a não ser que haja algo de ódio ou de admiração misturado [art. 125].

(+ Descartes esqueceu-se de explicar a oscilação no livro *sobre as paixões*¹⁹⁰. Com efeito, isso é, mais ou menos, semelhante ao riso e ao choro. +)

A alma primeiramente é advertida sobre as coisas perniciosas, daí se segue a tristeza e, finalmente, o ódio contra aquela coisa ou contra alguma coisa similar. É a mesma ordem do prazer para a alegria, e até mesmo para o amor à coisa ou à outra similar [art. 137].

Definições dos afetos extraídas de Descartes:

As funções da alma são {suas} Ações ou Paixões.

As ações da alma são as Vontades [art. 17].

As Vontades ou terminam na própria alma, quais as vontades do pensar, ou terminam no [bem do] corpo, como as que seguem o movimento voluntário [art. 18].

As Paixões da alma são as Percepções.

As Percepções ou têm a alma ou o corpo por causa [art. 19].

As Percepções, que têm a alma por causa, são as percepções dos pensamentos, que se formam primeiramente por vontade da alma, como são as imaginações que nós mesmos formamos [art. 20] (+ conceito +).

Os pensamentos, que têm o corpo por causa (+ podes dizer fantasias +), dependem ou dos nervos ou de um movimento fortuito dos espíritos.

As fantasias que dependem dos nervos são as *sensões*¹⁹¹ {*sensiones*}.

As fantasias, que dependem de um movimento fortuito dos espíritos, semelhantes àqueles que os nervos, diversamente, soem excitar, são as ilusões [art. 21].

Atribuímos as *sensões* {*sensiones*} já aos objetos, já a nosso corpo, já à própria alma.

¹⁹⁰ O nome do livro aparece em latim: *De passionibus*.

¹⁹¹ Para a palavra latina não encontramos uma versão exata em português. No único dicionário latino em que a achamos trazia o sentido de *pensamento*, mas não nos pareceu condizer ao sentido que Leibniz pretendia. Achamos autores contemporâneos a Leibniz usando-a, como Hobbes (1588-1679), assim “... *nullam habemus imaginationem, quae ante non fuit in sensione*...” (*Leviathan*, pars I, cap. III). Daqui o significado parece claro: *sentido*. Para não confundirmos, no entanto, a palavra *sensio* com *sensus* (que tanto pode ser *sentido* quanto *significado*) optamos por aportuguesá-la como *sensão*. [N. do T.]

As *sensões* {*sensiones*} que atribuímos aos objetos, são as qualidades que chamam sensíveis, as quais, no entanto, não são reais {*res verae*}, mas imaginárias [art. 23]. (+ Tal como o calor da água, que diferente aparecerá, ao mesmo tempo, para nós mesmos, que [a] tocamos ora por uma ora por outra parte do corpo. +)

As *sensões* {*sensiones*} que atribuímos a nosso corpo, quais sejam: Fome, sede, dor, cócegas [art. 24. 94].

As *sensões* {*sensiones*}, que dizemos estarem na própria alma [e de que] primeiramente trataremos neste ponto, são, com efeito, propriamente os afetos [art. 25].

Todas as *sensões* {*sensiones*} das ilusões são apropriadas {*capaces*}, exceto os afetos: e, com efeito, não podemos ser enganados quando sentimos uma ira em nós [art. 26] (+ nem quando sentimos fome? Da mesma forma, ou não podemos sonhar estando nós mesmos irados? +).

Os AFETOS são percepções, ou sentimentos, ou comoções da alma, que se referem especialmente a ela {*mesma*}, e que {os afetos} são produzidos, conservados e corroborados por algum movimento dos espíritos [art. 27].

Percepções são a mesma coisa [que] as paixões da alma. Os sentimentos ou sensações, pois são conhecidos do mesmo modo pela alma, como objetos dos sentidos externos.

As comoções, porquanto são mutações maximamente válidas, são fabricadas na alma [art. 28].

Os afetos referem-se especialmente à alma, já que são sentidos na própria alma, e nada se conhece vulgarmente pela causa próxima a que se possam referir. E nisso se distinguem da fome e da sede, da dor, das cócegas, todas {essas} se referem ao corpo [art. 29. 94].

São causados, conservados e confirmados por um movimento dos espíritos, nisso distinguem-se das volições (+ Mas esta discriminação não é para qualquer [coisa] sensível, prefiro assim acrescentar outra coisa. +)

A alma pode fazer parar os movimentos externos; não pode fazer parar as paixões, a não ser com habilidade e paulatinamente [art. 41. 45].

Afeto é uma ocupação da alma nascida de outro pensamento. Este pensamento ocupa o espírito ou porque é singular, ou porque se refere a um bem ou a um mal [art. 52. 53]. O bem ou o mal é aquilo que conduz ao prazer ou à dor.

O afeto, pois, representa ou um objeto qualquer sem qualquer referência a algo bom ou mau, ou como bom ou mau. Quando seja sem referência a algo bom ou mau, o afeto chama-se admiração [art. 53.].

Quando o objeto é representado como [sendo] bom ou mau, então cremo-nos unidos a ele ou [então] estabelecemos, ou concebemos, ou imaginamos estarmos unidos a ele [art. 56] Quando nos cremos unidos a ele, nasce a alegria ou a tristeza [art. 61. 91].

Quando, entanto, concebemos que estamos unidos a ele, então ou concebemos simplesmente e nasce o amor ou o ódio, pois naturalmente antes de algo semelhante ou igual àquilo a que cremos estarmos unidos, nasce a alegria ou a tristeza [art. 56. 79], ou concebemos com suposição de possibilidade ou de tornar-se por propensão de uma união futura, nasce o desejo e a fuga [art. 57. 86] (+ não por causa do desejo +).

Esta possibilidade é ou simples ou é conjugada com a probabilidade ou com a opinião de facilidade, nasce a Esperança e o Medo; ou se eleva a uma maior certeza, e nasce a Confiança e o desespero [art. 165–166].

A Alegria e a Tristeza originam-se da opinião ou do sentimento do bem ou do mal presentes [art. 61].

A SENSÃO {*sensio*} é ou a opinião ou o sentimento.

Amor e Ódio {surgem} de uma sensação {*sensio*} de bem ou mal passados por um pensamento renovado de uma realidade (semelhante) que pensamos {estar} presente [art. 56].

A Esperança e o Medo [surgem] da sensação {*sensio*} de bem ou mal futuros [art. 58].

O desejo primeiro parece estar ligado à própria alegria, naturalmente para o conservarmos e aumentarmos [art. 137].

Existe alegria, que quase desprovida de desejo, e atinge o auge e dura por longo tempo, prejudica mais a saúde do que aquela que existe misturada com o desejo, com efeito, leva a um certo entorpecimento; por isso, sobre elas Descartes dissertou tanto {tratando} da causa e efeitos físicos da alegria, a que atribui ele ao amor; eu prefiro atribuir à alegria misturada com o desejo. Veja *part. 2. de pass.* artic. 107. 109. 111¹⁹². Descartes não conseguiu distinguir muito claramente o amor do desejo.

A admiração é ou da imperfeição, chamada desprezo ou da perfeição, chamada estima.

Estimamos a tudo aquilo que amamos, {mas} nem sempre desprezamos aquilo que odiamos.

Estima e desprezo é algo próprio de nós mesmos ou dos outros.

Quando é própria de nós, quando seja louvável, {a estima} é humildade e magnanimidade; quando deplorável, é soberba e abjeção.

¹⁹² Essa referência estava no texto latino adotado.

A generosidade é a consciência da virtude.

A virtude é o hábito de agir segundo a reta razão [art. 151–161].

Quando é própria do outro, {a estima} é culto ou desprezo [art. 162].

A veneração ou estima com algum medo ou esperança. (+ Desse modo, não se opõe bem ao desprezo. Pois que podemos estimar alguém, por exemplo, um artesão insigne, mesmo que não o temamos. +)

O desdém é o contrário da veneração, é o desprezo com desesperança seja do bem que do mal, ou da segurança a partir de alguma outra coisa [provinda da esperança] [art. 163–164].

AMOR, se se lhe ajunta a estima, pode ser dividido em benevolência, amizade e devoção [art. 83].

Benevolência é o amor para com aquele que estimamos menos do que a nós mesmos. Tal é também {a benevolência} para com um cão.

Amizade é o amor para quem julgamos igual a nós. Isso não se dá senão entre um homem para com outro homem.

Devoção é o amor para com aquele que colocamos acima de nós mesmos. Isto tem, remotamente, o lugar mais elevado para com Deus; proximamente, para com o príncipe, ou algum outro grande homem [art. 83]. (+ Parece que o ódio pode ser unido à estima +) [art. 84].

Amor e ódio existem ou para com coisas alegres e molestas, ou para com [coisas] úteis e nocivas. Isto é, pode-se julgar sobre a bondade, ou sensação {*sensio*}, ou razão da coisa. O primeiro afeto é o mais forte, pois o posterior, com razão, deve ser reduzido ao primeiro. O mesmo critério também pode ser acomodado tanto à Alegria quanto ao Desejo. Quando [o critério] se acomoda à alegria e à tristeza, caímos na volúpia e na dor, com efeito, são boas só as coisas que de per si desejamos [art. 91. 137–139].

O movimento dos espíritos apazigua-se na esperança, pelo movimento dos espíritos, na alegria e no desejo [art. 165].

Quem espera alegra-se.

Quem teme entristece-se.

Quem espera deseja.

Quem teme foge.

Quem deseja ama.

Ciúme {*zelotypia*}¹⁹³ é o temor de perder um bem (para um rival).

Ciúme é o temor escrupuloso do possuidor do bem; ou ciúme é o temor do rival no possuidor.

Quanto maior a esperança, maior o desejo [art. 167].

Hesitação é o medo de errar na deliberação [art. 170].

A suma esperança é a segurança.

O sumo medo é a desesperança [art. 166].

Aquilo que se espera ou que se teme depende de nós ou não depende de nós. Quando depende de nós, temos esperança por um lado em nossa razão, por outro lado na virtude; ou o exercício de agir segundo a razão, por outra parte no acaso [e temos medo igualmente de tudo isso¹⁹⁴]. Mas o medo do acaso reduz-se àquilo que não depende de nós [art. 144. 146].

O medo de errar ou a esperança de não errar encontra-se ou na deliberação ou na execução; o medo de errar na deliberação é uma hesitação [art. 170]. O medo de errar na execução é pusilanimidade [art. 174].

A esperança de não errar na execução é coragem [art. 171]. (+ A rivalidade é pertinente a isso, essa rivalidade é a esperança da vitória. +)

No fundo, a rivalidade não é a esperança da vitória, mas está conectada com a esperança da vitória [art. 172].

Parece que a coragem existe antes da execução, como a audácia existe na execução, ao que se opõe a consternação¹⁹⁵ [art. 174]. A hesitação, caso permaneça após a deliberação, apesar de estabelecermos quando agir, chama-se remorso de consciência¹⁹⁶. Se o erro é eliminado após a ação, nasce uma espécie de tristeza, que chamamos penitência [art. 177].

Audácia é uma espécie de coragem, certamente a respeito das coisas difíceis.

Consternação é contrária à audácia [art. 171].

Rivalidade é a esperança de sucesso, pelo motivo que tem sucesso sobre outras coisas. É, portanto, sem certâmen, e é só na imitação com desejo de igualar [art. 172].

¹⁹³ Leibniz usa a palavra *zelotypia*, ζηλοτυπία palavra grega que significa *ciúmes* no campo amoroso. Nesse sentido foi adotada no latim e é provavelmente neste sentido específico que ele a emprega, visto que havia outras palavras que poderia ter escolhido para indicar o mero ciúme. Em português existe a palavra *zelotipia*, que significa ciúmes, zelos, mas optamos por usar ciúmes pelo que atrás ficou explicado. [N. do T.]

¹⁹⁴ A construção latina feita por Leibniz não pôde ser traduzida literalmente por uma questão de concordância nominal, uma vez que no latim de Leibniz *spes* e *metus* regem-se ambos por *in* + *ablativo*, ao passo que em português *esperança* rege construção com *em* e medo com *de*. [N. do T.]

¹⁹⁵ Aqui o texto traz a palavra *consternatio*, mas parece ser apenas um erro de impressão, porquanto mais adiante apareça a palavra escrita incorretamente em latim: *consternatio*. [N. do T.]

¹⁹⁶ No texto adotado, aparece entre parênteses a palavra *remors*. [N. do T.]

Consternação {é} sempre má {e} é um excesso de pusilanimidade [art. 174].

Certas imagens acompanham a alegria e a tristeza. (+ O agradecimento (interior naturalmente) {, que é} uma alegria por um bem novo e estranho, pode também chamar-se aplauso. +)

(+ Ou antes {é um} Favor. *Favorecei as línguas*. Mas o favor é mais um desejo de ajudar que um agradecimento por causa de um bem encoberto. +)

A inveja (+ ou indignação +) é a tristeza pelo bem alheio.

Umaz vezes corretamente chama-se inveja, outras vezes, indignação [art. 182].

Comiseração é uma tristeza pelo mal alheio [art. 185]. Aquiescência é uma alegria por causa de nossos atos [art. 190].

Penitência é uma tristeza por conta de nossos atos.

(+ Favorecemos as coisas cujos atos nos são agradáveis [jucunda]; uma coisa, todavia, é favor, outra coisa é o prazer pelos atos alheios. De fato, favorecemos ainda aquelas coisas que de nada carecem, das quais garantimos para nós algumas coisas excelentes. Parece que o favor existe mesmo sem o prazer de ajudar, pois também os espectadores demonstram favor.

Dessa forma, favorecer alguma coisa é desejar o bem dela. É, contudo, com algum tipo de superioridade, e então o espectador de qualquer forma imagina-se como aquele que produz um espetáculo superior, como se estivesse constituído juiz. +)

Indignação é uma dor por um mal praticado [mas] que não se refere a nós [art. 195].

Ira é quando {o mal} se refere a nós [art. 199].

Do mesmo modo o favor é uma benevolência ou alegria pelo bem alheio por causa do bem por ele praticado, conquanto não se refira a nós [art. 192].

Gratidão é quando {o bem} nos toca [art. 193].

A glória em nós é a vontade que os outros nos estimem [art. 204].

Pudor é a dor pela opinião dos outros a nosso respeito [art. 205]. (+ A alegria pelo mal alheio sói acompanhar a irrisão [art. 178], pois a alegria por novos bens insignificantes acompanha o riso [art. 125. 181]. No entanto, a maior parte do mal alheio, não é para nós mais que um bem insignificante. Por outro lado, se é para nós um grande bem, certamente não rimos, uma vez que ele seja destruído por aquele {cujo} flagelo temíamos. +)

(+ Por causa de grandes bens não soem rir senão os homens levianos, que não conseguem a maioria deles. +)

Saciedade ou fastio é um incômodo por uma semelhança de pensamentos ou percepções, ou ainda de fruições [art. 208].

A nostalgia é a dor pela recordação de um bem passado.

{E} está {junta} com algum desespero [art. 209].

Hilaridade é a alegria pela lembrança de um mal passado [art. 210].

O Riso nasce de uma alegria insignificante, à qual está misturado algo de admiração, no fim até algo de ódio também [art. 125].

O choro nasce de uma tristeza insignificante, à qual está misturado algum senso de amor [art. 128]. Nas crianças é mais forte a tristeza; nos velhos, o amor [art. 133].

Os suspiros nascem quando alguma imaginação de esperança ou de alegria vem sobre uma tristeza [art. 135].

[D]

O afeto é um pensamento que ocupa o ânimo, ou, se preferir, é uma ocupação do ânimo por um pensamento.

O afeto do ânimo {é} um impulso ou impressão, como no corpo agitado.

Ocupação do ânimo é uma determinação para pensar em alguma coisa.

Pode, porém, o pensamento determinar o ânimo mesmo a outro pensamento que lhe seja dessemelhante, mas que lhe seja cognato.

Afeto é um estado de um ânimo delimitado de um pensamento a outro diante de outro; ou é uma ocupação do ânimo.

Podemos estar delimitados a um pensamento mesmo que não {estejamos delimitados} por algum outro pensamento, mas sim por uma série ou ordem de pensamento até aqui observado.

Um pensamento é a causa de outro pensamento ou porque nenhuma razão contraditória exista (então, com efeito, o pensamento mesmo permanece, porque acontece quando encontramos algo singular; que não tem semelhança ou conexão com os outros) ou porque um só pensamento envolve outro, ou alguma ordem do pensar também das tantas que envolve, o ânimo é mais inclinado a pensar antes em uma do que na outra.

O pensamento envolve certa ordem no pensar, quando é um pensamento de alguma série.

Inclinado está, porém, o ânimo a um pensamento mais que a outro, quando um [pensamento] envolve mais da matéria do {ato de} pensar do que outro {tipo de pensamento}, pelo menos para nós. Contemplamos ideias sejam distintas que confusas.

Todo pensamento ou ocupa o ânimo em si ao mesmo tempo, ou se ocupa com alguma série de pensar segundo alguma lei precisa.

Se, tentando encontrar uma série do pensar, caímos em algum pensamento que é comum também a alguma outra série e tenha maior força na segunda série, a esta seguimos, abandonando a primeira.

Deste modo, o pensamento é uma intersecção comum ou um nó de duas séries.

A sequência do pensar nasce ou de ideias distintas, como quando pensamos nas causas da coisa, e nas causas das causas; como, quando consideramos os efeitos e os efeitos dos efeitos: Mas não podemos seguir qualquer outra lei da sequência, que não nasce ou nasça de ideias confusas por causas e efeitos, senão por graus, semelhanças, combinações, certamente dentre as coisas que pomos à prova, levamos a termo por uma precisa ordem temporal ou espacial.

Uma série talvez seja em si mesma recorrente, e possa por muito tempo manter um homem concentrado, com as primeiras sempre voltando como num círculo.

Nunca, com efeito, alguém se apegou a um tal pensamento, mas, então, quando se diz apegado a ele {ao pensamento}, percorre sempre uma série recorrente, não, porém, largamente sem rumo, pois, quando a mesma coisa ou confusa ou distintamente, expõe se faz especialmente, e as coisas, pelas quais aquele homem foi despertado, são fortemente diferentes ou alheias {a ele}.

Como aquele argumento nos exponha confusamente muitas coisas, quer dizer, mais minúcias do que pensamos para que possam ser comparados com outros argumentos, parecemos atônitos; semelhante a um estado de embriaguez, de doença, no fundo como é crível, também na morte.

Um pensamento é confuso, mas muitos pensamentos, conquanto suas partes sejam confusas, retêm-se como distintas, pois podem distinguir-se.

Por isso, pensando entramos numa série, para nelas encontrarmos alguma coisa, que estamos procurando. E pode acontecer que entremos em diversas séries sucessivas, para escolhermos aquilo que queremos encontrar em ambas. Pode acontecer ainda que, naquela série, encontremos algo que anteriormente procurávamos, e, embora seja numa série interrompida, o escolhemos preferencialmente, abandonado a pesquisa anterior, o que pode se dar por duas causas, ou porque esquecemos aquilo que procurávamos, ou porque disso mais se trata.

É necessário existir para nós uma causa para crer que nós encontramos aquela {determinada} coisa naquela {determinada} série, assim mesmo {é necessário existir para nós}

uma causa para pesquisar aquela coisa {determinada}. Esta é a causa de pesquisar uma coisa desconhecida, pois, ao menos, conhecemos alguma coisa a respeito dela, aquilo que pensamos ser um bem para nós.

Esta é a causa de pesquisar naquela série, que sabemos que aquela coisa, de que se trata, é preferível que esteja contida naquela série por necessidade ou probabilidade. Pois pode-se julgar, se quando todas as coisas de uma dada natureza estabelecida, pelas quais a nossa {natureza} é una, e está contida naquela série.

O despertar da alma se dá quando consideramos o fim ou a causa por que entramos numa série. Pois torna-se seja à coisa encontrada, que pesquisávamos, seja à série finita antes da descoberta (então, com efeito, cessando a série, recordamos seu *status* que tinha antes da série, quer dizer, seu *status* pelo qual começa a adentrar na série por causa daquela do fim), ou, tirado o incômodo de prosseguir, que faz que retomemos o caminho, ou ainda usemos tal remédio, que soem {usar} os que têm pesadelos, para que {os} mandem embora, com as mãos postas sobre os olhos.

O pensamento ocupa o ânimo por duas causas, seja porque afasta pela consideração do fim ou do bem, e induz ao esquecimento do fim, que faz o pensamento algo singular, ou contendo em si muita matéria para pensar, distinta das demais; ou porque ela mesma contém o fim ou algum bem. O fim, contudo, é para nós algum desejo ou o que a ele conduza.

O pensamento é ou contemplação do bem e também é amor ou pensamento como possível ou é desejo, ou como esperança provável; ou como segurança do {que é} certo, ou como alegria do presente.

Quando acreditamos que algo deve ser bom, se nos for presente ou muito unido, a isso mesmo amamos; quando, ademais, acreditamos que isso é possível, {então} desejamos; se também parece fácil, esperamos; finalmente {se o} encontramos por acaso, alegremo-nos.

O amor é uma suposição de bondade. O ódio é uma suposição de maldade.

O desejo é uma suposição de bondade e possibilidade. A aversão é uma suposição de maldade e possibilidade.

A esperança é uma suposição de bondade e facilidade. O medo é uma suposição de maldade e facilidade.

Podemos amar até o que é impossível de encontrar, {mas} não desejar nem esperar.

Ademais, aquilo que amamos, desejamos, esperamos, foram pensados como uma determinada substância.

[E]

O afeto é uma determinação da alma para uma série definida de pensamentos.

A determinação é o estado do qual algo se deduz, a não ser que algo o impeça. Desse modo, a determinação faz uma presunção de futuro; até que se prove haver {algum} impedimento.

Uma série é uma multidão com um princípio de ordem.

O afeto está na alma, como o ímpeto está no corpo. Pois como o afeto é uma determinação da alma para uma dada série fechada de pensamentos, assim o ímpeto é o mesmo que a determinação do corpo para determinada linha de movimento percorrida.

Ambas determinações existem, ainda que, sobrevindo algum impedimento, o efeito pare. Ambas determinações tanto no início, como no meio ou mesmo no fim da progressão têm {seu} lugar. Ambas, quando outra impressão sobrevenha, compõem uma nova determinação.

Mas um corpo continuamente muda a linha {a figura}, a alma da série persiste, a não ser que sobrevenha algo mais forte.

Em ambas as formas, variada é tanto na grandeza quanto na espécie ou princípio.

A determinação ao pensar uma série é mais forte do que ele {o corpo}, pelo qual o princípio da série envolve mais de realidade.

[F]

*Leibniz complementou essa abordagem ao lado.*¹⁹⁷

O afeto é uma determinação da alma para pensar em algo além de outras coisas.

A atenção é uma determinação da alma para pensar em algo além de outras coisas, pois não se recorda das outras.

A propensão é uma determinação da alma para pensar em algo além de outras coisas, pois seu pensamento é mais diferente daqueles de que se lembra ao mesmo tempo.

O pensamento é mais diferente onde se distingam mais coisas simultaneamente.

Há afeto que é determinado para pensar em algo além de outras coisas.

É determinado a algo, aquele de cujo estado algo se segue, se em si mesmo se contempla.

¹⁹⁷ Estava no texto original adotado a seguinte frase em alemão, *Diesen Ansatz hat Leibniz am Rande neben[E] ergänzt.*

Algo segue de algo cuja existência pode ser deduzida da existência de um outro e que é posterior a um outro por natureza.

Há natureza [anterior] cuja possibilidade é mais facilmente demonstrável do que a possibilidade de uma outra.

É mais fácil {aquela} cujos requisitos são muito poucos.

É demonstrável {aquela} de cujo contrário pode implicar ser provado.

[G]

Afeto é uma determinação da alma a qualquer série de pensamentos.

A causa da determinação está para uma série do pensar mais que para outra, quando os pensamentos de uma série envolvem mais de realidade do que os pensamentos de outra série.

Pois que a regra geral é sempre algo tornar-se aquilo que envolve mais realidade, ou que é mais perfeito.

Determinação é um estado do qual algo é consequência a não ser que alguma coisa o impeça.

De algo, ainda, se deduz o máximo que dele se pode deduzir, quer dizer, tudo o que dele se deduz não o que {lhe} impede.

A parte da determinação é a ação, à medida que dela algo se deduza, [é] paixão à medida que algo que, diversamente, se seguiria foi impedido.

Ação é um estado da coisa pelo qual que se deduz é de acordo com sua natureza.

Como quando dois pesos iguais estão num eixo equidistantes numa balança, fica evidente que, pela natureza de per si observada de cada um, a consequência é a ação (pelo menos de acordo com o que concebemos como sendo movimento espontâneo¹⁹⁸). Mas, quando pela natureza de ambos acontece {algo} igualmente, e haja uma ação incompatível com outra, e não haja um motivo por que uma ocorra em razão de uma outra, ambas se impedem. Portanto, ambos os corpos são determinados, cada um dos dois padece por conta do outro ou atua sobre o outro. Mas nenhum dos dois faz aquilo para o qual não está determinado.

Parece que a ação é uma espécie de determinação, quando, naturalmente, aquilo do qual algo se deduz é {a própria} natureza da coisa em que adere.

¹⁹⁸ N. do T.: Lit.: movimentar-se espontaneamente.

Aquela ação será maximamente espontânea, de que não é a espécie, mas somente um grau modificado, como se imaginássemos que algo pesado sempre descresse em {linha} reta na direção do centro da terra, ainda que {algumas} condições retardassem sua velocidade. O próximo grau é próprio daquilo que é espontâneo, se alguma vez ficou imóvel por conta de algum impedimento, logo que lhe seja tirado o impedimento, retoma a linha.

Pois do último estado, isto é, aquele do pensar, [para] retornar ao primeiro nada de fora pode ser tomado, mesmo que nos equivoquemos quanto ao tempo; pois o intervalo de parada depende de algo externo; e se, no entanto, for jogado para cima por algo externo, não podemos ir mais para trás, senão que saibamos como este externo agiu. Mas então há graus de facilidade, como se um motor externo, na mesma direção em que vinha, o repelisse, de qualquer modo a direção do movimento nunca mudou.

Paixão é um estado de coisa pelo qual se impede alguma coisa de seguir sua natureza.

Determinação é um estado pelo qual algo avança sem nada lhe impedir.

Assim, a determinação pode ser uma ação pura, poder ser também uma ação misturada com paixão.

A potência ativa é a possibilidade de ação.

A potência passiva é possibilidade de paixão.

Axioma: de cada um surge {algo que é} o mais perfeito que dele possa surgir¹⁹⁹. A perfeição é um grau de realidade.

Perfeição é um grau de realidade.

Se há duas coisas, das quais uma é por natureza anterior; a outra é por natureza posterior; aquela está posta, esta põe-se, diz-se que esta decorre daquela ou que aquela é a causa; {e} esta, o efeito

A natureza primeira é o que mais facilmente se entende de forma distinta.

Entende-se, contudo, de forma distinta {aquilo} cuja possibilidade se pode demonstrar.

Determinação é o estado do qual o que acontece, sendo observado em si mesmo, ou, contrariamente, que algo aconteça (que impeça ou favoreça. O que impede diminui, o que favorece aumenta aquilo que acontecerá no mesmo gênero). Se de duas coisas, por si mesmas

¹⁹⁹ Leibniz assim escreveu esta sentença: *ex unoquoque sequitur perfectissimum quod ex eo sequi potest*, literalmente, ficaria assim: *de cada um segue-se {aquilo que é} o mais perfeito que dele pode se seguir*.

observadas, acontecem coisas incompatíveis, o que, absolutamente falando, não acontece, diz-se que foi impedido.

Se o estado, do qual algo de per si observado acontece, entende-se que será numa coisa qualquer, assim, isso se chama determinação; se, entanto, muda-se por causa de outra coisa, diz-se que o sujeito é passivo. Se se faz, como uma coisa, mais eficiente do que antes, tendo algo que impeça ou favoreça, não diz que é paciente, senão que a própria determinação nele foi mudada.

E se, por qualquer que seja a série de determinações por si reciprocamente {e por} uma lei certa de sequências, a determinação a uma mesma série for uma ação pura; as demais ações, enquanto dure a série, se dirão espontâneas ou naturais, e por isso convém mais regredir mais longe na direção do primeiro estado da coisa. Porquanto pode entender-se que pensamento é determinação a uma série, como, ademais, se pode entender o que existe noutra série, e no qual assim caímos regredindo menos às paixões, por isso é que dizemos que é mais espontâneo ou natural²⁰⁰.

{Isso} parecerá favorecer que {alguma coisa} remova o impedimento ou aumente a força. Assim, dentre todas as paixões, só a alegria é própria do auxílio. O que aumenta a força também sente resistência nos corpos, como aquilo que quer expulsar {ou destruir} mais rapidamente do que costuma querer.

[H]

Afeto é uma determinação da alma a certa série acolhida de pensamentos.

(: Assim como o ímpeto é uma determinação do corpo para certa linha de movimentos que, de certo modo, deverá ser percorrida. :)

A determinação é um estado do qual aquilo que acontece quando de per si {é} observado. (: Quando de per si observado, direi, o que é a não ser que algo, ademais, se perceba que atingiu a meta. Assim, a partir do estado de peso de um corpo, que seja de per si observado, ocorre a descida; mas esta descida talvez não aconteça, se seja posto algum obstáculo. :)

Perfeição é um grau de realidade.

²⁰⁰ Daqui pode-se entender que, exceto o Deus uno, que o estado integral de nenhuma coisa é natural ou espontâneo.

(: Assim é mais perfeito aquilo que envolve maior realidade. Também dentre muitos triângulos de igual perímetro ou de mesma circunferência será mais perfeito o equilátero, que, sob o mesmo contorno, {é o que} contém maior espaço. E quanto nos é dado conhecer, é mais perfeita a natureza do ouro que a da prata, pois de longe se oferecem as mais notáveis propriedades que se pode esperar no ouro. :)

Potência é um estado do qual aquilo que pode acontecer quando é de per si esperado

(: ou do qual, quando de per si observado, qualquer outra coisa seja demonstrada como sendo possível :).

Pelo que o que é mais perfeito, isto é mais poderoso, contrariamente (: pois, por isso, o que é mais perfeito, isso envolve mais de realidade. E em razão de envolver mais de realidade dele, de per si observado, podem deduzir-se mais coisas. E esse é mais poderoso do que aquele. E tudo isso pode ser invertido :).

De cada coisa espera-se aquilo que, de per si, é observado [da forma] mais perfeita das coisas que dela podem surgir. :)

(: Eu digo {que} o mais perfeito em si pode tornar-se aquilo que sua natureza conduz à perfeição, destrua por acidente ou torne pior, por acréscimo de alguma outra coisa, como uma bebida fria ajuda, pois aplaca a sede, e parece dar algum vigor. Mas no verão forte, pode internamente afrontar as outras coisas, das quais se introduz a doença no corpo. Por isso, se alguém tem sede, ofereça-lhe um copo d'água fria, e esteja neste estado de espírito, para que pense nesta única coisa, para que beba água de preferência a derramá-la, com efeito essa bebida mais o ajudará. Mas se se apresentar à alma mais calma aquilo donde possa ou costume ocorrer; ou ainda se basta pensar nesta coisa única, querer que exerça um ato de liberdade, ou de domínio contra os afetos, fará como Epíteto, que não sorvia a {água} gelada {a ele} oferecida, mas antes a expelia. Assim também se aperfeiçoará no exercício da virtude. :)

Se a partir de um outro contemporaneamente²⁰¹ possam acontecer muitas outras semelhantes entre si, e uma destas ocorra, é necessário que todo o resto ocorra dos outros semelhantes.

(: Quando, com efeito, não haja nenhuma razão a favor de uma mais do que por outra, fica evidente que ou tudo acontece, ou nada. :)

²⁰¹ Leibniz usa o advérbio latino *coniunctim*.

Se a partir de um outro separadamente²⁰² possam ocorrer muitas outras semelhantes e dessemelhantes entre si, e uma destas aconteça, é necessário que a maioria decorra de outros semelhantes.

(: Pois se consta que um destes ocorre pela natureza da coisa, é necessário explicar por que não como todos os outros. Pois se só se explicasse que são incompatíveis, parece seguir a maioria. Há, com efeito, uma razão de existir em todas as coisas, e alguma incompatibilidade impede a existência. Por isso, existirá enquanto um mínimo seja impedido. Quer dizer, a maioria existirá. :)

Parece que deve ser dito assim²⁰³:

Tudo aquilo que seja observado de per si pode acontecer a partir de um outro também observado de per si, isso ocorrerá enquanto seja possível. De fato, suponhamos que acontecerá aquilo que dissemos que poderia acontecer. É necessário que a razão pela qual aconteceu seja somente a ausência do impedimento. Pois se houver qualquer outra coisa, não acontecerá a partir somente daquilo que dizíamos, mas qualquer outra coisa deveria ser suposta. Contra a hipótese.

As coisas que são observadas de per si podem surgir a partir de outras {também} observadas de per si, {mas} não se impedir mutuamente, para elas dá-se uma determinação, isto é, surgirão a partir de uma {coisa} observada de per si. (: Pois se não acontecem é por algum impedimento ou acontecem nele ou fora dele. Não é nele [no impedimento], pois nada há nele, se se esperam de per si, portanto, então finalmente se outras coisas passadas se esperam nele, isto é, se existir muitas coisas, que se impeçam {mutuamente}, mas isto é contra a hipótese. Portanto, {estas coisas} estão fora dele {do impedimento}. Mas os impedimentos, que a partir do qual acontecem, podem existir, e acontecer a partir daquilo que {foi} observado de per si, isto é, junto a elas fixa-se uma determinação. :)

As coisas observadas a partir de algo observado de per si que podem acontecer por acidente, estas também observadas de per si podem acontecer. (: Pelo menos, com efeito, é absolutamente possível que possa existir por acidente. :)

As coisas, que podem acontecer a partir de algo observado de per si, seguem o mais perfeito dentre elas, {que seja} observado de per si. (: Acontecem, com efeito, enquanto nem

²⁰² Aqui Leibniz emprega o advérbio *disiunctim*, mas não achamos referência a ele na latinidade. Interpretamos o sentido a partir da ideia do verbo *disiungo*, que é *separar*; mas o advérbio pode ser interpretado também, dentro do contexto, como sendo o contrário de *coniunctim*, podendo, pois ser lido como *em tempos diversos*.

²⁰³ No limite: A admirável passagem da potência ao ato.

de fora nem se impeçam reciprocamente. Ponhamos não ser impedido por algo [externo²⁰⁴], quer dizer, observa-se de per si a coisa da qual ocorrem. Portanto, ou acontecem, ou se impedem mutuamente por precedência. Mas se acontece enquanto a maioria é capaz, quer dizer, segue o mais perfeito deles, que são mutuamente incompatíveis. Entendo, no entanto, o mais perfeito de per si observado, ou o que tenha mais de realidade, ainda que, por acidente da maior imperfeição, possa ser a causa. :)

A alma está determinada para aquela série de pensamentos que, observada de per si, é a mais perfeita.

Os pensamentos mais perfeitos são os que envolvem mais de realidade.

A alma está determinada a outra série de pensamento, ou porque já está nela, e nada há que a afaste dela, ou porque dentre muitos lhe parece mais perfeito. O que é mais perfeito chama-se Pensamento, diferente {do que} é mais forte, ou {que} determina mais a alma, que é o pensamento sobre o bem e o mal.

[I]

O afeto é uma determinação da alma para expor algum pensamento. A alma, contudo, é determinada para expor algum pensamento, ou porque não há razão pela qual o objeto mude, o que acontece quando outro pensamento pareça particular, quer dizer, aquele {pensamento} que não ofereça qualquer circunstância de recordação dos outros {pensamentos}, que o próprio homem experimentou, e aqui o afeto pode ser chamado de contemplação, ou a alma está determinada, pois um só pensamento é mais forte do que outro. Os mais fortes são aqueles que determinam a alma acerca do que é bom e mau. Pois as percepções do Bem e do mal²⁰⁵ mudam maximamente o estado da alma, por isso também as considerações deles, em suma, os pensamentos deles como um todo.

O afeto é uma determinação da alma a partir de um pensamento do bem e do mal para qualquer progressão.

Qualquer percepção, sensação {*sensio*}, opinião é uma afetação da mente que envolve a existência do objeto.

O conceito distinto envolve só a possibilidade de alguma outra coisa.

²⁰⁴ O termo *externo* aqui está entre colchetes no texto.

²⁰⁵ Optamos aqui por conservar a diferenciação que está no texto latino adotado, onde lemos: *Quia Boni et mali...*

A existência acontece a partir de qualquer possibilidade, desde que não a impeça.

Somos determinados por qualquer imaginação a crer que existe aquilo que imaginamos, a não ser que seja impedido, quer dizer, que somente imaginemos juntamente coisas que sejam incompatíveis.

Estamos determinados para uma série qualquer de pensamento, ou porque já estamos nela, e não há razão de mudar, ou porque chegamos a uma encruzilhada de muitas séries de pensamentos, dos quais uma é mais forte que as outras.

Não há razão de mudar a série em que estamos, quando não se apresente nenhuma circunstância nela de lembrar de outros pensamentos, que antes tínhamos, que se dá quando aquilo que pensamos, nos parece particular. Esta determinação da alma pode ser chamada de Atenção.

Das muitas séries de pensamento é mais forte a que nos mostra distintamente a maior matéria do pensamento, quer dizer, maior do que concebemos que o objeto possa mais em nossos pensamentos, ou maior do que lhe está inato a consideração do nosso bem e mal²⁰⁶.

Das muitas séries de pensamento, a mais forte é aquela que é capaz de determinar uma alma, que seja mais perfeita; com efeito, sempre se segue de cada um o mais perfeito observado de per si, que dele pode acontecer²⁰⁷.

A série mais perfeita de pensamento é aquela que apresenta o argumento mais distinto. {Atenção!} digo: o mais distinto. Pois, por exemplo, convém que cada lugar esteja completo, nem sempre se extingue nos corpos sensíveis; assim, se esperamos pensamentos confusos em toda parte o argumento do pensamento é igual, e não há tempo vazio no pensamento.

Se bem que, contudo, de muitas progressões de pensamento para as quais estamos determinados, escolhemos aquela que seja a mais distinta, todavia, pode acontecer que todas sejam menos distintas que a precedente; e então pode acontecer que sejamos coagidos a passar da mais distinta para a mais confusa. Pois uma mesma série de pensamento pode, enfim, conduzir-nos aos mais confusos pensamentos.

Se bem que ainda que seja jucunda a passagem ao pensamento mais distinto, {essa passagem} é molesta {quando é} para {um pensamento} confuso, não obstante isso, o desejo pode dividir-se em distinto e confuso. Diz-se absolutamente distinto de nós quando o entendemos como por uma percepção confusa e acontece a passagem para {o desejo} distinto.

²⁰⁶ Leibniz enfatizou essa frase adicionando uma borda.

²⁰⁷ Paixão ou impressão recebida de fora compõe uma nova progressão com a presente série de pensamento.

Tal desejo é distinto naquilo que acha algumas proporções belas, ou demonstra as propriedades. Por outro lado, o desejo confuso tem lugar quando, nas menores partes de nosso corpo, os mais distintos surgem antes que os movimentos, contudo, se, pelo contrário, sucedam movimentos mais confusos, {daí} nasce a dor. Pois a analogia deles, a qual acontece neles, [e] cujo modo entendemos, pode ser avaliada.

[J]

12 de abril de 1679²⁰⁸

Qualquer coisa que surja de uma coisa esperada de per si, existe se não houver nenhum impedimento externo. Tudo existe desde que não haja nenhum impedimento externo²⁰⁹.

Existe afeto que está determinado a pensar alguma coisa mais que outras.

Uma coisa determinada é consequente daquilo que é [próprio] dela [e] esperado de per si.

Tudo o que é consequente [de algo] esperado de per si, não de outro modo.

Consequente é [aquilo] de cuja existência se pode concluir a existência do anterior a partir da natureza de outro.

Corolário: o consequente do consequente é o consequente do antecedente.

Em si esperado é aquilo além do que nada existe pertinente à coisa, que a esse propósito então se considera. Desta definição se segue que, se algo é esperado de per si, outro {também é} em si esperado dentre as coisas que se consideram que também existam.

Pertinente à coisa é aquilo cuja existência produz mutação nas coisas que são consideradas à medida em que são consideradas, ou a partir de cuja existência se conclui o oposto dela, que agora é verdadeiro (atribui-se).

Incompatível²¹⁰ é aquilo cujo oposto se pode concluir a partir da existência de um outro.

Opostas são as coisas que não podem ser simultaneamente verdadeiras.

Simultaneamente verdadeiras são as que se podem concluir a partir do mesmo verdadeiro.

Corolário: nenhum consequente é incompatível.

²⁰⁸ Esta data aparece no início desta para no texto latino adotado, razão por que optamos por preservá-la também na versão.

²⁰⁹ Leibniz enfatizou esta frase colocando uma caixa ao redor dela.

²¹⁰ Leibniz destacou as três definições a seguir, adicionando uma caixa em redor dela.

O que é incompatível com o consequente é incompatível com o antecedente.

Tudo o que seja consequente do antecedente será compatível [com o antecedente²¹¹].

Tudo, em qualquer modo que seja esperado, é possível.

Proposição a ser demonstrada I.:

Tudo o que seja consequente de um outro é possível, o que é esperado de per si é o seu consequente. Pois tudo o que seja esperado de per si não é consequente nem pode ser consequente esperado de per si.

(: Pois o que é consequente, sua existência se pode concluir a partir da existência de um outro. Aquilo cuja existência não se pode concluir a partir de um outro, sua existência a partir de outro não pode ter a capacidade²¹² de concluir (pois o que é impossível em ato, isto é impossível que seja possível). Portanto, não pode ser consequente.

Tudo o que está em ato é possível. Pois que impossível é o que, se está em ato, não está em ato. Justamente, nada que esteja em ato não está em ato. Logo, nada que está em ato é impossível, ou tudo o que está em ato é possível. :)

Qualquer coisa esperada de per si não pode ser consequente, de modo algum pode ser consequente. Pois o que quer que seja, à medida que é esperado de per si, não pode ser consequente, isso porque nada existe nele pertinente à coisa que aqui se considera, não pode ser consequente.

Proposição a ser demonstrada II. à prop. I.:

Tudo o que seja, na mesma medida, esperado de per si não pode ser consequente, de modo algum pode ser consequente.

1) Tudo o que, na mesma medida seja esperado de per si não pode ser consequente, isso porque (*)²¹³ além dele nada existe pertinente à coisa a não ser aquilo que aqui se considera, não pode ser consequente, por def{inição}²¹⁴ ao esperado de per si.

2) Ademais, qualquer coisa não pode ser consequente porque nela * {nada existe pertinente à coisa, a não ser aquilo que aqui se considera}, de modo algum pode ser consequente.

²¹¹ Essa palavra entre colchetes está no texto adotado.

²¹² Sobre *posse*: (*esse id quod potest*) - poder: (ser aquilo que pode). {N. do T.: esta nota estava no texto latino adotado, visto que *posse* pode ter o sentido de *ser aquilo que pode*, optamos por traduzi-lo por *ter capacidade*.]

²¹³ Leibniz usa o símbolo * a seguir para a frase: “*nihil existit ad rem pertinens nisi quod hic consideratur*”, nada existe pertinente à coisa, a não ser aquilo que aqui se considera. Para comodidade do leitor, inserimos entre chaves {} essa frase.

²¹⁴ No texto adotado, a palavra *definição* aparecia abreviada como *def*.

Portanto (II).

A ser provada 2) deste modo:

Qualquer coisa não pode ser consequente porque além dela * {nada existe pertinente à coisa, a não ser aquilo que aqui se considera}, isso não pode ser algo cuja existência pode se concluir a partir da existência de um outro porque nele * {nada existe pertinente à coisa, a não ser aquilo que aqui se considera}, por definição do consequente.

3) Visto que qualquer coisa não pode ser aquilo cuja existência possa se concluir a partir da existência de um outro, porque além dele * {nada existe pertinente à coisa, a não ser aquilo que aqui se considera}, de modo algum pode ser (consequente, ou) aquilo cuja existência possa se concluir a partir da existência de um outro.

Portanto 2) estará provada se for provada 3).

A mesma {coisa}, contudo, 3) exposta de maneira distinta é assim:

Tudo que não pode ser tal cuja existência se pode concluir a partir da existência de um outro, a tal ponto que além dele nada exista pertinente à coisa a não ser o que aqui se considera, isso absolutamente não pode ser tal cuja existência se pode concluir a partir da existência de um outro.

(: A razão, posto que algo se conclui a partir de outro, se conclui a partir da existência do outro a tal ponto que além dele [nada existe para coisa] pertinente a não ser o que aqui se considera. Ou Tudo aquilo que se conclui a partir de outro conclui-se a partir do mesmo esperado de per si.

A razão mais geral é algo (de modo absoluto), isso à medida que é esperado de per si, quer dizer, a tal ponto que nada existe pertinente à coisa que aquilo que está envolvido naquilo que está sendo considerado. [:])

Está envolvido em algo cuja existência se pode concluir a partir de um outro.

Envolve algo mais a partir de cuja existência algo se pode concluir. Assim o Consequente é aquilo que está envolvido em algo e é a natureza de grau inferior ao mesmo.

Pode-se concluir a partir de algo que é se aquilo {realmente} é.

Quem é A é A. Se A é não B, logo, se alguém é não B, é não B.

O que algo é é isso que é. Logo, é um não E[nte.]

Tudo o que está em ato é percebido, [e] isso [mesmo] é compreendido.

Tudo o que é compreendido, pode ser compreendido de modo distinto.

Tudo o que pode ser compreendido de modo distinto, pode ser compreendido sem contradição.

Coloquemos alguma coisa percebida simultaneamente e não percebida, diremos que é diferente, não idêntica.

Há as mesmas coisas dentre estes, {que} se um for substituído por outro, por consequência não nos pode aparecer contradição, assim como não se pode chegar a substituir mutuamente A por não A.

As mesmas coisas quanto aos termos não carecem de definição, com A e A. Mas as mesmas {coisas podem ser} diferentes para uma espécie²¹⁵.

Primeiro princípio: Se algo é, é; se não é, não é. Se é um homem, é um homem. Se não é um animal, não é um animal. Nenhuma coisa é mais que sua própria repetição.

O segundo princípio indemonstrável é este: Tudo o que está em ato é possível²¹⁶. Esse princípio só pode ser demonstrado por nós através da experiência. Depende, contudo, da natureza da Existência atual, na qual nunca encontramos {qualquer} contradição. É, portanto, quase uma prova {*experimentum*}. Talvez se possa assim demonstrar: Suponhamos

que a mesma coisa está em ato e não está em ato. Donde sabemos que é a mesma coisa?

Assume-se, posteriormente, que entendemos a mesma coisa por definição e definido, para que se possa mudar um outro lugar para o lugar de outra coisa.

Assume-se ainda a partir do uso filosófico as palavras que *A não é B*, e *que A e não-B* são a mesma coisa.

No entanto, no uso comum, quem diz que quimera é um não homem parece dizer que quimera é alguma coisa e não que é um homem.

Alguma coisa é qualquer coisa, e não esta coisa.

Quaisquer outras coisas [são] todas as outras.

Todas as coisas [universa], quer dizer tudo simultaneamente.

Geralmente, se alguma coisa é verdadeira, ela é verdadeira. Donde também que se alguma coisa é falsa, ela é falsa. Portanto. aquilo que é falso, sua falsidade é verdadeira.

As demais coisas dependem de definições.

É possível que algum ser e algum não-não ser seja a mesma coisa.

Por isso o princípio de contradição está contido na definição da possibilidade.

Estas são as consequências dessa definição:

O possível que é, isso não não-é.

²¹⁵ Esta frase apresenta-se de tal modo sucinta que seu sentido ficaria um tanto obscuro. Leibniz a escreveu assim: *Sed eadem in speciem diversa*, isto é, *mas as mesmas {são} diferentes para a espécie*. [N. do T.]

²¹⁶ Pode demonstrar-se *Que é ser possível*. Ponha-se, com efeito, que um A exista e não seja possível.

O possível que não não-é, isso é.

Agora (pela assunção a partir da identidade de definições e definidos) o não possível é aquilo que é algo e que não não-é algo não é a mesma coisa.

Donde se segue que é impossível que a mesma coisa seja e não seja simultaneamente.

Igualmente se segue a respeito do Necessário: Todo contingente é necessário de algum modo.

Em ato é aquilo que é necessário de algum modo. Pois tudo o que está em ato é necessário.

Contrariamente, aquilo que está em ato é algo de algum modo necessário, pois o predicado sempre está contido de algum modo na natureza do sujeito. Assim, paulatinamente direcionamos os esforços para essa coisa, não {porém} imediatamente {e} sem prova do mesmo modo que assumimos uma definição, para que depois alguém não negue estas coisas que provamos serem de tal modo.

Em verdade, o predicado pela parte da coisa sempre está contido na natureza do sujeito; com *A é B*, quer dizer, *o próprio A está contido em B*. Assim se se entenda perfeitamente *A*, entender-se-á que ele está contido em *B*, ou que o conceito da existência do próprio *A* envolve este conceito de que *A é B*.

Se a partir do conceito da essência do próprio *A* ou se a partir somente da possibilidade do próprio *A*, segue-se isto: *aquilo que é A é B*, é uma proposição necessária ou eterna²¹⁷.

Se a partir do conceito da essência do próprio *A*, acrescido o conceito de tempo, segue-se esta proposição: *o que é A é {ao mesmo tempo} B*, então é uma proposição contingente²¹⁸.

Portanto, nas coisas que não são eternas, não há nenhuma necessidade, pois não se podem demonstrar a partir do conceito delas mesmas, mas a partir do acréscimo do conceito de tempo. E assim podemos evitar dificuldades nas frases.

Mas o conceito de tempo envolve toda uma série de coisas e {também} a vontade de Deus e das outras coisas livres.

²¹⁷ Noutro lugar expliquei isso com mais profundidade. {Esta nota está no texto adotado.}

²¹⁸ A cópula *Est* ou é absoluta, ou envolve tempo, a saber, agora. {Esta nota está no texto adotado.}

A definição deste “ser algo”²¹⁹ introduziu a definição de possibilidade, esta, portanto, deve ser explicada a partir daquelas coisas que dissemos. Aquilo, com efeito, que se diz que é alguma coisa chama-se sujeito, o outro, sem dúvida, {será} o predicado²²⁰.

A proposição *A é B* significa isto: *se alguma coisa é A, também é B*.

É B, isto é o seu conceito, envolve o conceito de *B*.

O sujeito, ou aquilo que se diz que é alguma coisa, está no conceito dele, acrescido do conceito do próprio “Agora”²²¹, está envolvido o conceito de um outro, a saber, o predicado²²².

Idem [interrompido]

²¹⁹ As aspas não aparecem no texto latino adotado, mas pareceu-nos necessário colocá-las, pois no texto o termo *esse aliquid* aparece substantivado.

²²⁰ Disso fica claro que não é possível entender as noções simples sem proposições semelhantes, pelo menos reflexivamente declarativas. {Esta nota estava no texto adotado.}

²²¹ O termo latino *nunc* aparece substantivado, para o uso das aspas veja a nota 38.

²²² O outro pode ser o mesmo, desde que não seja idêntico nos termos ou expresso do mesmo modo. {Esta nota estava no texto adotado.}